

Exegese de At 2,1-13 - Solenidade de Pentecostes

Primeira leitura: Atos dos Apóstolos 2, 1-13

Iniciemos com o texto dos Atos dos Apóstolos, que nos oferece o contexto histórico fundamental desta festa: a manifestação do Espírito em Pentecostes, segundo Atos, é a consequência direta, histórica e visível na terra da ressurreição e exaltação de Jesus: "Exaltado pela mão direita de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramado sobre vocês que vêem e ouvem (V. 33). É o Espírito que constitui realmente a ação de Jesus: sua primeira comunidade em Jerusalém e a missão de todos os povos. Verificando de forma crítica o relato é possível descobrir a atividade redacional e criativa de Lucas.

Ele é quem constituiu este paradigma de Pentecostes, mas o faz a partir de muitos atos e tradições históricas. Tudo o que Lucas narra é histórico, mas o autor elabora um relato único a partir de fatos que possivelmente aconteceram várias vezes, em diferentes lugares, tempo e circunstâncias. O discurso de Pedro possivelmente foi composto por Lucas, mas o constrói a partir de tradições escritas ou orais. Esse discurso corresponde historicamente que ao estava acontecendo em Jerusalém, o que pensava e o que dizia à primeira comunidade apostólica. Lucas recolhe os fatos históricos e as tradições que transmitem e constrói um relato único a partir de fatos, mas também se interessa pela descrição criativa destes fatos, e tradições na história da Igreja de seu tempo e da igreja de todos os tempos.

No relato dos acontecimentos de Pentecostes podemos distinguir dois relatos: um mais primitivo e tradicional, que se baseia nos vv. 1-4 e 12-13, e outro mais evoluído e redacional nos vv. 5-11. O relato antigo tem um caráter carismático e apocalíptico: há vento impetuoso e línguas de fogo, os presentes falam em línguas (vv. 1-4) e por isso aparecem diante dos demais como embriagados e os fatos acontecem numa casa (v. 2). O segundo relato é profético e missionário: não se trata de falar em línguas (glossolalia) mas de um Dom profético, os presentes falam em galileu (arameu) e cada qual os entende em sua própria língua de nascença. O milagre não está no falar (como na glossolalia) mas no escutar (sobre isto se insiste em três lugares, vv. 6, 8 e 11).

No cap. 2, v. 1 diz-nos que "estavam TODOS reunidos". Não se trata só dos 12 apóstolos, mas da assembléia dos 120 (1, 15), entre os quais está Maria, a Mãe de Jesus, o grupo das mulheres e o grupo dos irmãos de Jesus entre os quais com certeza também está Santiago, "o irmão do Senhor"(1, 14).

O Dom do Espírito é derramado sobre esta primeira comunidade, e é Pedro, junto com os doze, que vai pronunciar o discurso (vv. 14 e ss). Acrescenta-se que estão reunidos "com o mesmo propósito ("epito autó", o que às vezes também se traduz por "em um mesmo lugar). Este mesmo propósito ou estratégia é possivelmente a restauração do Reino de Israel (essa foi a pergunta no cap. 1, 6 e o sentido da eleição de Matias em cap. 1, 15-26) . A irrupção do Espírito vem romper este propósito de restauração, que olha mais para o passado do que para o futuro.

O Espírito vem de repente, com ruído como de vento impetuoso e como línguas de fogo, todos estes símbolos mostram a "violência" necessária do Espírito para transformar o grupo presente e reorientar a primeira comunidade a partir de uma posição restauracionista para uma posição profética e missionária. Este é o batismo do Espírito Santo anunciado em 1, 5. O batismo de João Batista era de água, um símbolo judaico de conversão pessoal, agora se trata do batismo do Espírito, que é símbolo característico do movimento profético de Jesus, não de conversão pessoal, mas de transformação da comunidade dos discípulos em autêntica comunidade profética, para dar testemunho até os confins da terra. Os que se reúnem, atraídos pela novidade de Pentecostes, são "homens piedosos, que moravam em Jerusalém, vindos de todas as nações que há debaixo do céu".

Temos aqui uma ficção literária de Lucas, pois é um fato extraordinário que estejam reunidos em Jerusalém, gente piedosa de todas as nações do mundo. O fato é tão extraordinário, que manuscritos posteriores (tradição ocidental) agregam a palavra "judeus": os reunidos seriam "judeus de todas as nações que moram em Jerusalém".

Lucas tem uma intenção teológica: reúne simbolicamente em Jerusalém pessoas piedosas de todas as nações do mundo, que a partir de Pentecostes, recebem o testemunho profético da primeira comunidade apostólica. O Espírito é derramado em função de todos os povos e culturas do mundo inteiro. Isto acontece para Lucas no fato fundante de Pentecostes.

Nos vv. 9-11 temos a lista das nações: Lucas enumera 12 povos e três regiões. O primeiro grupo é constituído pelos nativos, partos, medos e elamitas. O segundo grupo são os habitantes (hoi katoikountes) da Judéia, Capadócia, Ponto, Frígia, Panfília e Egito. Aqui também são enumeradas três regiões (que aparecem com artigo: a Mesopotâmia, a Ásia e a Líbia, que se limita com Cirene.

O terceiro grupo são os estrangeiros (hoi epidemountes): romanos (habitantes de Roma, sejam estes judeus ou prosélitos), cretenses e árabes.

Qual é a lógica de uma enumeração? Em primeiro lugar, Lucas distingue nativos, habitantes e estrangeiros. Os primeiros são povos do oriente, civilizações antigas. Os habitantes estão repartidos em três regiões, a Mesopotâmia (a oeste), a Ásia (ao Norte) e a Líbia (ao sul), e 6 povos: Judéia (no centro), Capadócia, Ponto, Frígia e Panfília (ao norte) e Egito (ao Sul). Por último os forasteiros ou visitantes: romanos (Código étnico, não se refere à forças do Império Romano), que estavam visitando Jerusalém, entre estes se distinguem romanos judeus e romanos prosélitos (não judeus que se converteram e aceitaram a circuncisão), os cretenses são um povo marítimo em expansão para o ocidente e os árabes seriam uma designação global para se referir aos povos do deserto, em expansão para o oriente. A lógica geográfica é a que domina o grupo dos habitantes (oriente, norte e sul, com a Judéia ao centro). Os visitantes (romanos, cretenses e árabes) não seguem uma lógica geográfica, mas a lógica de visitantes esporádicos (grandes grupos e incertos), que regressam à sua pátria. Em síntese, os representantes dos povos vêm de todas as regiões da terra, das culturas antigas do oriente, dos povos estabelecidos ao redor da Judéia (oriente, norte e sul) e das populações que imigram para o oriente e ocidente, cujo centro é Roma. Lucas combina assim critérios culturais, geográficos e sociais: contrõe historicamente o paradigma missionário do Espírito. O curioso é que não se menciona Síria, Macedônia e Grécia, que são o território das Igrejas paulinas. Talvez não apareçam estes povos, pois é aí que Lucas escreve sua obra, e já são deste tempo igrejas independentes de Jerusalém.

Lucas insiste três vezes (vv. 6.8 e 11) em que os presentes, que vêm de todos os povos, entendem o discurso de Pedro, cada um em sua própria língua. Pedro e os Onze são Galileus (v. 7) e falam portanto arameu, que era uma língua muito conhecida na Síria e oriente. O milagre de Pentecostes é que cada um entende em sua própria língua de origem. Não se trata de glossolália, pois este é um milagre de falar e aqui o milagre se situa no escutar e entender. Cada povo escuta o Evangelho em sua própria língua, e poderíamos agregar em sua própria cultura. Por isso consideramos hoje em dia o Pentecostes como a festa cristã de inculturação do Evangelho.

Se você quiser uma ilustração alusiva à liturgia deste Domingo de Pentecostes basta dirigir-se ao site de Cerezo Barredo: <http://servicioskoinonia.org/cerezo/dibujosC/33pentecostesC.jpg>

Veja outras reflexões sobre Pentecostes e o Espírito Santo: <http://xacute1.com/?p=5046>